

Siglas e números dos endereços

Jornal de Brasília

provocam confusão

Arquivo

reçamento de Brasília é coisa de Primeiro Mundo e "as pessoas que estão habituadas com a cidade não têm nenhum problema". Com 650 carteiros espalhados pelo DF, Godoy ressalta que um setor de pesquisa permite que a carta, mesmo com endereço incorreto, chegue ao seu destino. "Fazemos uma pesquisa no catálogo e às vezes o próprio carteiro conhece a pessoa", salienta.

Os turistas que alugam veículos na cidade ou os novos moradores são unânimes em afirmar que "sofrem" para chegar aos lugares certos. "É tudo muito complicado. Se a gente tem memória curta e invente uma letra vai parar num lugar totalmente diferente", reclama o carioca Walter Mendonça, que mora em Taguatinga há apenas três meses. "Mas estas dificuldades não são normais para qualquer pessoa que chega em uma cidade que não conhece?", defende a brasileira Vera Lúcia Amorim.

Assentamentos — Nos assentamentos e novas satélites, onde a sinalização de endereços praticamente não existe, os novos moradores e visitantes se perdem com facilidade. "Há dois meses eu não sabia de nada, mas hoje sei informar qualquer endereço", informa Gualberto da Silva, que mora no Riacho Fundo. Para facilitar a entrega de correspondências nestes locais, o Correio deu preferência aos carteiros que residem nas próprias satélites. "Isso agiliza o nosso trabalho", explica Fernando Leite Godoy.

A exceção para as cidades mais antigas, fica por conta do Guará I. Ali, não foi obedecido qualquer tipo de ordem numérica e não existe sequência entre as quadras. "É por isso que nós fomos construindo as nossas casas e numerando à medida que as ruas iam se formando", conta o pioneiro Jamelson Oliveira.

MARIA EUGÊNIA MOREIRA

Quando o arquiteto Lúcio Costa elaborou o projeto de Brasília, criando uma nomenclatura diferente para endereços, em vez de homenagens a marechais, escritores, políticos, artistas ou famílias de tradição, não imaginava que a simples troca de uma letra poderia levar uma pessoa a quilômetros de distância do lugar desejado. Mesmo para quem conhece a cidade há anos, "como a palma da mão", não é raro ficar perdido e embaralhado diante de uma salada de siglas e números.

SAAN (Setor de Armazenagem e Abastecimento Norte), SHIS (Setor Habitacional Individual Sul), SGO (Setor de Garagens Oficiais), MSPW (Setor de Mansões Park Way), QNM (Quadra Norte "M" de Taguatinga), QNN (Quadra Norte "N" de Ceilândia)... Quem não se confunde com tantas siglas? "Muitas vezes precisamos de um ponto de referência para chegar no endereço certo", confessa o motorista de táxi Jacó de Souza Anselmo. "E a gente que não tem nada como referência, como é que fica", desabafa o carteiro João Batista dos Santos.

Para a maioria das pessoas sair à procura de um emprego ou para alugar uma casa significa andar horas pela cidade pedindo informações. "Já cansei de ficar perdida, andando atrás de um lugar onde ninguém sabia onde ficava", conta a doméstica Maria Aparecida Santiago. O entregador de flores Antônio Manoel Fernandes se atrapalha no serviço só quando o endereço vem escrito errado. "Foi isso eu me viro, dou um jeito de achar, senão a bronca é muito grande", completa.

Primeiro Mundo — Para o diretor regional dos Correios, Fernando Leite Godoy, o sistema de endere-

Lúcio Costa fugiu do tradicional

País. Surgiram aí os primeiros endereços. Eles nasciam espontaneamente, numa sincronia quase perfeita. Placas de papelão ou madeira, colocadas nas soleiras dos barcos dos acampamentos de engenhheiros ou nas árvores do cerrado orientavam os moradores.

As ruas, por sua vez, eram identificadas de forma criativa e os nomes são preservados até hoje. Entre os exemplos mais conhecidos estão a Rua da Igreja (107/108 Sul), Rua das Farmácias ou Rua do Hospital (102/302 Sul), Quadra da CEF, Quadra do Banco do Brasil etc. A única via que desde o início era identificada pelo nome original é a W/3.

Crescimento — Com o crescimento da cidade, a sinalização chegou em níveis insuportáveis de desorganização, pois as placas indicativas eram colocadas aleatoriamente, principalmente pelos comerciantes, que queriam divulgar seus endereços. (MEM)

No início, Brasília era um cantinho de obras e placas de todos os tamanhos e formas indicavam as áreas e os pontos que ligavam a nova capital aos outros pontos do país.

Segundo alguns pioneiros que trabalharam ao lado dos construtores de Brasília, Costa tinha uma grande preocupação em não criar ruas para homenagear pessoas, mas sim setores específicos para determinadas atividades. "Quanto ao problema residencial ocorreu-me a solução de criar uma sequência lógica e contínua, de grandes quadras dispostas em ordem. Por isso são chamadas de Superquadras", explicou no projeto.

QUEBRA-CABEÇA DE SIGLAS

Sigla	Localização
SHPE (Setor Habitacional Estrada Parque)	Área residencial localizada às margens das estradas parques
SHCES (Setor de Habitações Coletivas Econômicas Sul)	Cruzeiro Novo
SMHS (Setor Médico Hospitalar Sul)	Final da Asa Sul
STRC (Setor de Transporte Rodoviário de Carga)	Perto do Setor de Inflamáveis
SPMA (Setor de Postos e Motéis)	Rodovia Anápolis/Brasília
SPVP (Setor de Preservação da Vila Planalto)	Vila Planalto
SHIGS (Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul)	Casas residenciais na W3/Sul
SHCAO (Setor de Habitações Coletivas na Área Ocidental)	Cruzeiro
SAS (Setor de Autarquias Sul)	Onde ficam os prédios da Receita Federal, Polícia Federal, INSS, etc.
QELC (Quadras Econômicas Lúcio Costa)	Em frente ao Guará I